

# Nascimento dos intelectuais contemporâneos<sup>1</sup> (1860-1898)

---

*Christophe Charle*

*Tradução Maria Helena Camara Bastos<sup>2</sup>*

## **Resumo**

Este estudo tem como fio condutor o caso Dreyfus, considerado revolucionário no campo intelectual, espectro para discernir as transformações sociais que afetaram os intelectuais na segunda metade do século XIX. Apresenta os intelectuais do século XIX em uma perspectiva de longa duração e analisa o debate suscitado pela noção de "intelectual" nesse momento. Divide-se em duas partes: uma diacrônica com a apresentação sumária das transformações do campo intelectual na segunda metade do século XIX; e outra que procura esclarecer, pelas hipóteses tiradas do estudo geral, a conscientização dos intelectuais em 1898-99.

**Palavras-chave:** intelectuais; século XIX; caso Dreyfus.

## **Resume**

Cette étude a comme fil directeur l'affaire Dreyfus, conçue comme une révolution dans le champ intellectuel, qui sert de spectre pour discerner les transformations sociales qui ont affecté les intellectuels du XIXe siècle. Elle présente les intellectuels dans une perspective longue et analyse le débat suscité par la notion d'"intellectuel" au moment de cette affaire. Elle obéit à deux parties: la première, diachronique, avec la mise en place sommaire des transformations du champ intellectuel dans la seconde moitié du XIXe siècle et, l'autre, qui cherche à éclairer, par les hypothèses tirées de l'étude générale, la prise de conscience des intellectuels en 1898-99.

**Mots-clés:** intellectuels; XIXe siècle; l'affaire Dreyfus.

---

<sup>1</sup> "Naissance des Intellectuels Contemporains (1860-1898)", originalmente publicado em: LE GOFF, J; KÓPECZI, B. (Dir.) *Intellectuels français, intellectuels hongrois. (XIIIème – Xxème siècles)*. Budapest: Akademiai Kiado; Paris: Ed. Du CNRS, 1985. Pp. 177-189.

<sup>2</sup> Revisão de Maria de Lourdes Cauduro.

Este estudo procura alcançar a dois objetivos. Por um lado, apresentar os intelectuais do século XIX em uma perspectiva de longa duração, por outro, como minhas pesquisas estão baseadas no caso Dreyfus, desejaria orientar este trabalho a partir do debate suscitado pela noção de "intelectual" nesse momento.

Tenho plena consciência que as duas partes de meu estudo responderão a esses dois enfoques de maneira bastante incompleta. A parte diacrônica será a apresentação sumária e tratará das transformações do campo intelectual na segunda metade do século XIX. O segundo ponto tentará esclarecer, pelas hipóteses tiradas do estudo geral, a conscientização dos intelectuais em 1898-99.

O fio condutor - caso Dreyfus, considerado revolucionário no campo intelectual, pode servir de espectro para discernir as transformações sociais que afetaram os intelectuais na segunda metade do século XIX. Admito que é perigoso conferir a um acontecimento virtudes teleológicas e torná-lo a finalidade do período anterior, mas parece-me que, no caso presente, é através dos debates provocados por esse acontecimento, que podemos compreender os movimentos de longa duração da história intelectual e que, inversamente, se não recolocarmos esse caso nessa perspectiva, perderá toda significação independente da anedota político-judiciária.

## **AS TRANSFORMAÇÕES DO CAMPO INTELECTUAL**

Quando do caso Dreyfus, os intelectuais reivindicaram um poder simbólico e uma identidade coletiva sancionados pela aparição de uma novo termo. Quais são as mudanças morfológicas do campo intelectual que deram origem a essa nova pretensão?

### **Mudança de dimensão do campo intelectual**

Podemos arriscar uma avaliação quantitativa do número de intelectuais definidos como os profissionais da produção dos bens simbólicos somente a partir do recenseamento de 1876. As divisões profissionais do recenseamento de 1866 são efetivamente muito pouco detalhadas, ao passo que as circunstâncias históricas de elaboração do recenseamento de 1872 estão sujeitas à precaução. Mesmo considerado nesse curto período de 25 anos (1876-1901), o volume das categorias no seio das quais se recrutam os "intelectuais", quando do caso Dreyfus, modifica-se sensivelmente. Em 1876, foram recenseados 4.173 "homens de

letras, cientistas e publicistas". Em 1901, o total acumulado de "homens de letras e jornalistas" de um lado, e de "publicistas", de outro, eleva-se a 7.432<sup>3</sup>. É quase o dobro dos que declaram viver profissionalmente de sua pena, número que precisaria, sem dúvida, ser bem reavaliado para levar em consideração escritores que têm uma segunda profissão (professores, funcionários) ou capitalistas que escrevem como amadores. Esses números não incluem os intelectuais funcionários que são os universitários, e que o caso Dreyfus marcou a entrada na cena política. Segundo Antoine Prost, o se número passa de 503, em 1880, para 1049, em 1909, ou seja, aqui também quase uma duplicação<sup>4</sup>.

Se adotarmos, assim, uma definição restritiva, os intelectuais formam, no final do século XIX, um grupo de aproximadamente 10.000 pessoas. Total que pode ser duplicado ou triplicado para termos o número de intelectuais potenciais procedentes de outras profissões liberais, de meios capitalistas de professores do ensino secundário. A partir dessa abordagem, excessivamente quantitativa e funcionalista, mas cômoda, o grupo de intelectuais equívale aos elegíveis na Restauração, em uma definição restrita, e aos eleitores, em uma definição ampla. Eles são, portanto, suficientemente numerosos para constituir um grupo dividido em partidos (cf. a vida política da Restauração), mas seu efetivo é muito restrito para que tenham uma consciência coletiva elitista que implica no direito de intervir no debate político. Essa importante mudança do campo intelectual em relação a primeira metade do século XIX – cujas principais causas, que não podemos detalhar aqui são: a urbanização, a elevação do nível de instrução primária, secundária e superior, a explosão da imprensa e da edição<sup>5</sup> – é sem dúvida a origem da mudança dos modos de ação utilizados pelos intelectuais. Acima do patamar atingido na *Belle époque*, a percentagem muito fraca de intelectuais e sobretudo sua dependência de outros tipos de renda os atomizavam em múltiplas categorias sem consciência coletiva. O poder político ligado aos intelectuais, desde o século XVIII, era assim monopolizado por algumas individualidades ou grupos cuja notoriedade fugia da norma, colocando-os fora das pressões do poder.

## Evolução das estruturas do campo intelectual

Esses dados quantitativos fornecem um quadro de compreensão das mudanças que afetam o campo intelectual, mas são entretanto

---

<sup>3</sup> Dénombrement de 1876, Paris, 1878; Dénombrement de 1901, Paris, 1906, tome 4.

<sup>4</sup> Cf. A. Proust. *L'enseignement en France 1800-1907*. Paris, 1968. p. 234.

<sup>5</sup> P. Albert et al. *Histoire générale de la presse française*. Paris, 1972, tomo 3; C. Charle. *L'expansion et la crise de la production littéraire* (seconde moitié du XIXe siècle). Actes de la recherche en sciences sociales, 4, juillet 1975, p. 44-65, et <sup>a</sup> Prost, op. cit, p. 45.

insuficientes para que somente eles sejam levados em conta. O crescimento de uma categoria social, mesmo rápido (sem dúvida a mais rápida de todas as profissões da época), só poderá ser acompanhada de uma tomada de consciência se as estruturas internas dessa categoria o favorecem. A mais evidente e a mais simples dessas estruturas é a sua concentração geográfica. Os recenseamentos permitem medi-la para os intelectuais livres. Em 1876, como em 1901, mais da metade das categorias retidas são domiciliadas em Paris ou na região do Sena<sup>6</sup>. Para esse tipo de intelectuais há praticamente equivalência entre o campo profissional e a capital, o que muito facilita o proselitismo político e o sentimento de uma identidade social. Mostramos, aliás, a partir de um estudo dos endereços de uma amostra de escritores de mais destaque, que estavam repartidos entre os diferentes bairros de Paris, segundo as afinidades de posição no campo literário: os escritores mais famosos moravam nos mais belos bairros do Oeste; os do setor intermediário (não totalmente conhecidos, mas trabalhando para o grande público) no lado direito do Sena e sobretudo no IX<sup>o</sup> arrondissement, perto dos jornais e dos teatros; a vanguarda encontrava-se nos bairros marginais (margem direita, bairros mais populares ou novos bairros burgueses<sup>7</sup>). Os universitários estavam mais dispersos em razão principalmente da criação de postos situados na província outrora pouco numerosos. A predominância parisiense é todavia importante pelo fato da existência de grandes estabelecimentos literários ou científicos, antigos ou novos: Collège de France, Langues orientales, EPHE, Ecole des Chartes, Muséum.<sup>8</sup> Apesar de mais dispersos geograficamente, os universitários compensam seu isolamento relativo por laços estabelecidos durante sua formação que criam redes de inter-conhecimento: passagem pelas grandes escolas, especialmente a École Normale Supérieure, estudos secundários ou superiores em Paris, defesa de teses em Paris, etc. Os universitários, que fizeram ou concluíram seus estudos em Paris, no cargo por ocasião do caso Dreyfus, formaram-se em geral antes que a reforma universitária dos anos 1880 fizesse sentir seus efeitos. Os mais ambiciosos, além disso, aspiram concluir sua carreira na capital e devem manter-se em relação com seus colegas que já trabalham.

Essa estrutura extremamente centralizada do campo intelectual francês, que constitui uma originalidade e explica o papel social particular dessa categoria na França, permite uma mediação concreta para facilitar a

---

<sup>6</sup> Recenseamentos citados.

<sup>7</sup> C. Charle. Situation sociale et position spatiale, essai géographique sociale du champ littéraire à la fin du XIXe siècle. Actes de la recherche en sciences sociales, 13, février 1977, p. 45-59.

<sup>8</sup> Nas *Statistiques de l'enseignement supérieur en 1878*, Paris, 1878 e as *Statistiques de l'enseignement supérieur* em 1898, Paris, 1900, contamos respectivamente em duas datas: 32,6% do ensino superior em Paris (grandes estabelecimentos e farmácias excluídas).

consientização coletiva, mas isso não passa de um dado passivo. Quais são as estruturas ativas dessa tomada de consciência? Um dos paradoxos da posição social dos intelectuais é que só podem ser considerados como idênticos a partir da afirmação de suas diferenças. É a recusa das posições estéticas, políticas ou sociais dos outros que fundamenta as posições adotadas por alguns. Esta lei geral, bem conhecida da vida intelectual, toma contudo um sentido novo quando o campo intelectual adquire a dimensão daquele do fim do século XIX. O fenômeno dos grupos, literários ou ideológicos, torna-se muito mais geral, durável e constrangedor do que poderia ser na primeira metade do século XIX. Testemunho disso é a *Enquête sur l'évolution littéraire*, de Jules Huret (1891), em que o autor, jornalista de profissão, interroga os principais escritores do momento classificando-os por grupos. Pouquíssimos fogem dessa classificação. Mesmo se declarando dissidentes, definem-se sempre em relação a um grupo<sup>9</sup>. Sobretudo que antes os grupos só existiam na poesia, agora, são encontrados no romance com o naturalismo e no teatro com o Teatro Livre e o Teatro de Arte, transposições na cena do naturalismo e do simbolismo. O campo literário reparte-se, assim, em três setores correspondendo a três tipos de público e a três tipos de literatura: setor acadêmico, setor intermediário e setor de vanguarda. O campo literário atingiu um nível tão importante que não se trata mais como outrora de etapas em uma carreira, mas da escolha praticamente definitiva de redes sociais específicas: escolher a vanguarda é escrever para seus pares; optar pelo setor intermediário, é privilegiar o lucro econômico sobre as pretensões literárias; visar o setor acadêmico implica praticar uma literatura purificada mas acessível aos leitores da elite. Os debates literários da vanguarda atingiram a nível de complexidade que só é possível desse gueto mudando de maneira. Do mesmo modo, para passar do setor intermediário ao setor acadêmico é preciso rejeitar uma parte de sua originalidade para agradar as frações as mais tradicionais do público. O malogro de Zola na Academia, não obstante seu sucesso comercial, é típico dessa resistência às audácias excessivas dessa parte do campo literário ao passo que os vanguardistas anteriores acederam à Coupole. Sem dúvida, estas oposições e barreiras existem há muito tempo. Mas as novas dimensões do campo literário, o aumento do número de aspirantes em relação ao número de vagas disputadas e o divórcio entre as hierarquias das legitimidades, conforme se considerar a

---

<sup>9</sup> J. Huret. *Enquête sur l'évolution littéraire*. Paris, 1891; C. Charle. *La crise littéraire à l'époque du naturalisme*. Paris, 1979.

qualidade literária, o êxito público ou o êxito social, aumentam os prazos de espera, reforçam as clivagens e avivam as lutas e as exclusões<sup>10</sup>.

*Mutadis mutandes*, transformações análogas afetam o campo universitário em razão das reformas dos anos 1880-1890. Os universitários dos três primeiros quartos do século XIX não formavam uma categoria homogênea, é o que resume Louis Liard nesses termos: "*Nada aproxima; tudo separa, ao contrário, as origens e as afinidades; literários e científicos vêm em geral da Escola Normal; juristas e médicos não são universitários: uns são profissionais, outros teóricos, para esses o ensino, os livros e o laboratório são a vida do professor, para aqueles a lição não passa de um acessório, o essencial é o foro e a clientela*".<sup>11</sup> Em suma, nenhum universitário, com exceção dos mais reconhecidos pela Sorbonne ou pelo Collège de France, é um intelectual no sentido dado no caso Dreyfus. A maioria é formada por eruditos separados do público, os outros brilhantes professores buscando o sucesso de eloquência mundana. Enfim, os únicos que desempenham um papel social, os professores de direito e de medicina, são sobretudo profissionais, notáveis entre os notáveis para os quais a Universidade é acessória.

A reforma universitária mudou completamente os valores até então dominantes. A ciência é o novo ideal tanto para as faculdades de ciências e de letras como de medicina, um pouco menos para o direito. Principalmente a relação com o trabalho de professor é transformada pelo aparecimento de estudantes profissionais em letras e em ciências. O universitário pode ser pensado, agora, como um intelectual porque dispõe de um público intelectual específico, ao passo que antes seu público esperava dele acima de tudo um diploma ou um suplemento de cultura como amador. A autonomia das faculdades, sua fusão em universidades dotadas de personalidade civil, os conselhos de professores, o aumento de ensinamentos e sua especialização, a formação de uma pirâmide hierárquica, isto é, de uma carreira, criam as condições de nascimento de um espírito de corpo<sup>12</sup>. O aumento dos vencimentos, o favor do poder, a abertura social elevam, finalmente, o prestígio universitário que existia somente em Paris e para algumas cadeiras. Esse campo universitário, mais autônomo, comporta como o campo literário sua vanguarda com os estabelecimentos de ensino superior de erudição (EPHE, École des Chartes), suas revistas especializadas em número crescente, a aparição das novas disciplinas. Portanto, a ruptura com o campo literário, pelo menos

---

<sup>10</sup> C. Charle, *ibid.*; R. Ponton. *Le champ littéraire de 1865 à 1905*. Thèse dactylographiée. Paris, 1977.

<sup>11</sup> L. Liard. *L'enseignement supérieur en France*. Tome 2. Paris, 1894, p. 282.

<sup>12</sup> L. Liard. *Op. cit.* p. 413.

com alguns de seus setores, é menor que antigamente. Universitários e escritores colaboram em certas revistas (por exemplo, a *Revue bleue*, a *Revue de Paris* dirigida por Lavissee). Cada vez mais escritores fazem letras e não direito como antigamente, o que reforça a comunidade ideológica entre as duas categorias<sup>13</sup>. A ideologia cientista em honra à Universidade serve também de caução nas polêmicas literárias, não somente para o naturalismo mas igualmente para outros escritores. Barrès, por exemplo, inspira-se no ensino de Jules Soury na EPHE para fundar seu nacionalismo<sup>14</sup>. Certos simbolistas referem-se à psicologia ou à filosofia universitárias. Taine e Renan servem enfim de referência para numerosos escritores, entre eles Zola, Bourget, Barrès...<sup>15</sup>. Em síntese, ao descrédito sistemático dominante na opinião literária em relação aos universitários até aproximadamente 1880, sucedem-se imitações, alianças e até mesmo colaborações, eles novos que traduzem a bizantinização crescente do campo literário que necessita de novas armas na luta simbólica. Assim, criam-se frações ideológicas comuns aos universitários e aos escritores além dos antagonismos anteriores.

## Os novos modelos ideológicos

As transformações ideológicas constituem o último aspecto desse rápido esboço da evolução do campo intelectual. Se um novo termo propagou-se para exprimir a nova consciência social das categorias antigamente designadas por vocábulos especializados: homens de letras, cientistas, escritores, universitários, etc., é em razão da crise que afeta os modelos culturais de referência aos quais eles se reportam, crise que provém ela mesma das mudanças analisadas aqui. Segundo Paul Bénichou, a mutação ideológica consecutiva à Revolução Francesa transformou o modelo social do escritor. Enquanto a filosofia do século XVIII construiu sua imagem contra a do padre, o escritor romântico se cercou de uma nova religiosidade e pretende através do seu gênio traduzir as aspirações e as tendências profundas de seu tempo<sup>16</sup>. O poeta, desvalorizado antes da Revolução porque os gêneros clássicos eram inadaptados às novas funções que se conferia à obra literária, torna-se a encarnação desse novo modelo pois a poesia pretende ser o meio de comunicação privilegiado com o divino e com as aspirações populares. "O sagrado do escritor" não resiste de fato aos acontecimentos políticos (crise de 1848) e ao grande retorno do clericalismo oficial. O vazio deixado não é realmente preenchido. As

---

<sup>13</sup> R. Ponton. *Op. cit.*, p. 46-47.

<sup>14</sup> Cf. Z. Sternhell. *Barrès et le nationalisme français*. Paris, 1972.

<sup>15</sup> A. Thibaudet. *Histoire de la littérature française depuis 1789*. Paris, 1936.

<sup>16</sup> P. Bénichou. *Le sacre de l'écrivain*. Paris, 1973, p. 275-276.

ideologias literárias, que apareceram em seguida, ficaram muito distanciadas em relação ao romantismo (cf. Parnasse). O artista da arte pela arte, o cientista dos naturalistas, o diletante dos psicólogos, o poeta místico dos simbolistas isolam-se em uma definição restrita do trabalho intelectual e buscam um reconhecimento social limitado somente junto aos outros letrados ou a um público determinado. Essa desconfiança com respeito a toda magistratura moral deve-se não somente às circunstâncias políticas mas também, sem dúvida, às dificuldades crescentes para conseguir a hegemonia intelectual em um campo intelectual em rápida expansão. Assim, estão compreendidos o fechar-se dos diferentes grupos e o desenvolvimento da auto-celebração nas publicações confidenciais. O liberalismo vitorioso, após 1880, favorece uma nova politização, mas limitada devido ao descrédito do parlamentarismo e da profissionalização crescente da vida política. O anarquismo é a única ideologia política que adquiriu um certo sucesso nos meios literários de vanguarda, isto é, a recusa da política tradicional<sup>17</sup>.

O único modelo que sobreviveu às ilusões românticas e lhe serve de substituto é o do cientista, único intelectual que, graças a algumas figuras simbólicas (C. Bernard, Pasteur, M. Berthelot) tornados heróis pela República, encarna ao mesmo tempo o gênio na sua definição romântica, a positividade da ciência moderna, e o utilitarismo social sancionado pelo reconhecimento universal. Aceitando ou recusando esse novo modelo, escritores e universitários definem-se, agora, em relação a ele, o que teria sido inconcebível trinta ou quarenta anos antes. Essa figura veicula valores muito diferentes daqueles que pertencem tradicionalmente ao campo literário: implica o trabalho, a ascese intelectual, a especialização, a valorização da inteligência, do senso crítico e da verificação experimental, todas exigências incompatíveis com o profetismo. Sua segunda vantagem é de fornecer um quadro comum de referência relativamente neutro aos produtores de bens simbólicos seja qual for sua situação no campo intelectual. Homens tão diferentes como Sully-Prudhomme, Zola, Gustave Monod, Lanson, E. Duclaux podem relacionar-se enquanto tudo, por outro lado, os divide. Com esse modelo mesmo contestado, a laicização das figuras do intelectual fica assim totalmente acabada e a autonomia do intelectual contemporâneo definitivamente afirmada. É, aliás, por isso que a palavra "intelectual", versão eufêmica dessa nova concepção, é empregada, antes do caso Dreyfus, pelos dois extremos do campo intelectual que recusam essas pretensões em função de outras legitimidades antigas ou futuras: a direita, fiel ao modelo do clero, e a extrema esquerda socialista e

---

<sup>17</sup> P. Aubery. L'anarchisme et les symbolistes. *Le mouvement social*. Octobre-décembre, 1969, p. 25-26.

anarquista que se considera a única encarnação da cientificidade política e ideológica e não reconhece a autonomia dos intelectuais denunciados como burgueses mascarados<sup>18</sup>. Suas críticas procuram enfatizar os novos aspectos que revestem o exercício das profissões intelectuais em um mercado saturado: hipertrofia da inteligência em detrimento de outras faculdades, exiguidade da atividade, parasitismo, temor de uma super produção de intelectuais proletarizados, possíveis fermentos de agitação social<sup>19</sup>. Assim, antes mesmo do caso Dreyfus e em ligação com as transformações do campo intelectual, as temáticas estavam preparadas a fornecer os argumentos dos dois campos que iam compartilhar a luta política.

## O REVELADOR DO CASO DREYFUS

De que maneira as transformações evocadas acima foram traduzidas quando do caso Dreyfus? Como o que estava mais ou menos implícito no campo intelectual tornou-se explícito no combate entre pró-Dreyfus e anti-Dreyfus<sup>20</sup>? Dois pontos devem ser considerados: 1) Todos os intelectuais em sentido neutro consideram-se intelectuais no novo sentido? 2) Que concepções do intelectual estão em jogo em ambas as partes? Essas concepções divergentes têm um suporte social específico?

### Intelectuais e "intelectuais"

Embora o estudo profissional das listas de petições suscitadas pelo caso Dreyfus revele uma super-representação massiva dos escritores e dos universitários (tanto entre os pró-Dreyfus como entre os anti-Dreyfus)<sup>21</sup>, seria errado crer que todos os intelectuais potenciais intervieram nesse combate político. Às razões tradicionais (desconfiança da política, conformismo social) juntam-se razões mais específicas. Assinar uma petição ou aderir a uma liga para um intelectual, é, de fato, renunciar parcialmente ao fundamento tradicional de sua conduta social, o individualismo, para utilizar o peso que dá o número no campo intelectual com novas dimensões. Mas, é também tirar seu direito de intervir seja de

---

<sup>18</sup> G. Idt. *L'intellectuel avant l'affaire Dreyfus. Cahiers de lexicologie*, p. 14-15, p. 35-46; Laforgue. *Le socialisme et les intellectuels*. Paris, 1900, p. 17.

<sup>19</sup> Cf. H. Bérenger. *Les prolétaires intellectuels en France. Revue des Revues*. 15 janvier 1898, p. 125-145; M. Barrès. *Les déracinés*, 1897.

<sup>20</sup> Nota de tradução. Optou-se por utilizar as expressões pró-Dreyfus e anti-Dreyfus, para as expressões utilizadas pelo autor: *les dreyfusards* e *antidreyfusards*.

<sup>21</sup> Cf. J.P. Rioux. *Nationalisme et conservatisme, la ligue de la Patrie française*. Paris, 1977. p. 23-24.

uma autoridade pessoal para aumentar a audiência das idéias que se defende, seja quando não se dispõe dessa autoridade, afirmar uma comunidade social além das diferenças de consagração em nome dos valores partilhados com essas autoridades. Formulamos então a hipótese que os intelectuais pró-Dreyfus e anti-Dreyfus engajando-se, além do seu antagonismo, adotaram ao menos uma opção análoga segundo a qual os intelectuais considerados coletivamente têm uma responsabilidade política especial e têm o dever de exprimi-la. Essa conscientização é muito desigual segundo os setores do campo literário. O engajamento é muito mais acentuado nos dois extremos, isto é, entre os escritores de vanguarda ou os mais reconhecidos do que no setor intermediário<sup>22</sup>. Os escritores de vanguarda são os que se afirmam como sendo os mais puros intelectuais, recusando as servidões comerciais em nome de um ideal literário *a priori*. Os escritores mais reconhecidos consideram-se mais autorizados a tomar a palavra no debate ou são mais solicitados para isso, devido a caução moral de autoridade que conferem à causa defendida. Ao contrário, os escritores do setor intermediário são menos propensos que os outros em engajar-se por questões sociais e ideológicas. Socialmente, dependem do mercado e devem então conformar-se com os gostos do público que é indiferente ou anti-Dreyfus. Como jornalistas também dependem seguidamente disso, pois a grande maioria dos jornais foi até o fim anti-Dreyfus como mostrou J. Ponty<sup>23</sup>. É por isso que romancistas e autores dramáticos, para o grande público, quase não tomam posição ou se o fazem é, em geral, à direita. Os escritores de vanguarda ou os acadêmicos, mais livres por razões opostas, podem engajar-se mais comodamente. Os primeiros ficam fora das imposições do mercado e dos órgãos de imprensa, os segundos, no topo da consagração, não precisam mais se preocuparem com sua carreira. Engajam-se, aliás, geralmente à direita, onde correm pouco risco<sup>24</sup>.

Diferenças análogas são encontradas entre os universitários. Em Paris, a porcentagem de engajamento é nitidamente mais elevada que na província, porque os universitários parisienses são mais conhecidos que os da província e também mais autônomos pois são mais numerosos<sup>25</sup>. Os universitários das instituições mais atualizadas pela reforma universitária

---

<sup>22</sup> C. Charle. *Champ littéraire et champ du pouvoir, les écrivains et l'affaire Dreyfus. Annales (ESC)*, 2, mars-avril 1977, p. 240-64.

<sup>23</sup> J. Ponty. *La presse quotidienne et l'affaire Dreyfus. Revue d'histoire moderne et contemporaine*. Avril-juin 1974. p. 193-220.

<sup>24</sup> C. Charle. *Art. cit. dans Annales*. 1977. p. 246-48.

<sup>25</sup> Nos baseamos aqui sobre nosso trabalho inédito – *Les universitaires et l'affaire Dreyfus*. Em Paris, 45% dos universitários colocam-se em posição contra 26% na província; na Ecole des Chartes 2/3 dos professores, na Ecole normale 60,6%, na EPHE 50% contra 19% em medicina e 6,6% em direito.

engajam-se mais que os dos estabelecimentos mais tradicionais: École des Chartes, École normale supérieure, EPHE, faculdade de letras, de um lado, faculdade de medicina, Muséum, faculdade de direito, de outro. Na província, as clivagens são menos claras (as faculdades de letras e de direito são mais militantes que as de medicina e ciências), porque, exceptuando-se letras, a maioria é anti-Dreyfus para quem o engajamento não é somente um reflexo "de intelectual" mas também uma reação de ordem. A análise por disciplina, sem levar em conta o lugar de exercício, prova, entretanto, que é a posição na hierarquia das disciplinas que funda a adoção do modelo de "intelectual". As disciplinas as mais canônicas engajam-se menos (direito civil) ao passo que as mais recentes ou as mais renovadas pelo novo ideal científico (sociologia, história) ou as mais preparadas por vocação a um papel crítico (filosofia) são as mais militantes. Essas homologias entre os modos de engajamento no campo literário e no campo universitário explicam que escritores e universitários dos dois campos puderam por muito tempo colaborar junto às ligas, o que não era evidente *a priori* em razão de antigos mal entendidos.

## Duas concepções de intelectual

Não temos a intenção de esquecer, no entanto, o que fizemos provisoriamente para comodidade do estudo, que pró-Dreyfus e anti-Dreyfus, apesar de estarem parcialmente de acordo sobre sua legitimidade para intervir no debate político, o fazem em nome de valores divergentes. "Intelectual" é originariamente uma injúria dirigida aos pró-Dreyfus e designa uma espécie de monstro social que, por hipertrofia de uma faculdade, considera-se superior aos limites sociais. René Doumic os denuncia, dizendo: "Nós os estimávamos pelo sentimento vivo que tinham sempre de seu dever profissional; a maioria deles, responsáveis por funções no ensino público, faltaram com seu dever profissional, levando a política para suas disciplinas e abusando de sua situação para influenciar a consciência dos jovens". (*Où sont les intellectuels?*, 17 juin 1899, p. 9)<sup>26</sup>.

Se os intelectuais anti-Dreyfus reagem coletivamente de maneira aparentemente análoga aos pró-Dreyfus é para mostrar que "a inteligência" não está toda do lado dos revisionistas mas, que ao contrário, esses são bem minoritários. De fato, por detrás do antagonismo das ideologias, por detrás das necessidades de ação política que obrigam os adversários a utilizar procedimentos de luta similares, as duas concepções do intelectual que são desenvolvidas pelos dois grupos, levam consciente ou inconscientemente a fazer dos intelectuais no sentido neutro dos "intelectuais", no novo sentido

---

<sup>26</sup> Cf. também F. Brunetière. *Après le procès. Revue de deux mondes*. 15 mars 1898.

do caso Dreyfus, isto é, profissionais do intelecto que em nome de sua especificidade social reivindicam um poder de tipo especial. Na realidade, as ideologias desenvolvidas tanto de uma parte como de outra recuperam as tradições clássicas do pensamento político francês desde a Revolução, mas reinterpretando-as em função do prisma da posição social dos intelectuais que as difundem. Se pudemos dizer que as palavras direita e esquerda foram renovadas pelo caso Dreyfus é porque o debate direita/esquerda deslizou do problema da legitimidade da Revolução Francesa para a questão dos fundamentos da nação e da sociedade que prepara o século XX. Um resultado do outro, mas a evolução marca a intervenção dos intelectuais no sentido novo do termo. Se os pró-Dreyfus pretendem se arrogar o direito de colocar em causa a ordem estabelecida em nome de valores abstratos superiores, é porque como intelectuais modernos pensam que sua função social é precisamente a de encarnar esses valores e de defendê-los sem considerar as conseqüências a curto prazo. A autonomia do intelectual implica a autonomia dos valores que ele encarna, obrigando-o a intervir no debate político quando os homens políticos dele se afastam. Assim, o intelectual rompe toda solidariedade simbólica com a classe dirigente no sentido lato. É o que Durkheim resume em um artigo respondendo a Brunetière: *"É verdade que os intelectuais se mostraram mais zelosos do direito que o resto da sociedade; mas, é simplesmente porque, em conseqüência de seus hábitos profissionais, considera importante. Acostumados pela prática do método científico a reservar seu julgamento enquanto não se sentem conhecedores, é natural que não cedam tão facilmente aos entusiasmos da multidão e aos prestígios da autoridade"*<sup>27</sup>. A última frase afirma bem a dupla negação sobre a qual se funda a autonomia do intelectual: contra "a multidão" e contra "a autoridade", isto é, o poder estabelecido.

É isso justamente que é contestado pelo intelectual anti-Dreyfus não somente por temer a desordem social mas em razão também de uma outra concepção do intelectual mais tradicional, mais nova em relação ao conservadorismo antigo. Para o intelectual anti-Dreyfus o fato de ser um intelectual – a expressão mais valorizada de "partido da inteligência", aliás é a mais preferida – não implica autonomia mas, ao contrário, o sentimento de pertencer a uma elite de um tipo particular, mais nobre que as outras e, portanto, mais solidária das outras pois se encarrega de esclarecê-las sobre os fermentos da turbulência que as ameaçam. O intelectual pró-Dreyfus, para os anti-Dreyfus, não é, segundo a expressão de Barrès, senão um "meio intelectual", porque toma os valores relativos por valores absolutos. A verdadeira inteligência implica no reconhecimento dos limites da inteligência diante da necessidade superior de coesão social e nacional. Se

<sup>27</sup> E. Durkheim. L'individualisme et les intellectuels. *Revue bleue*. 2 juillet 1898.

tivessem, sobretudo, o verdadeiro sentimento de sua excelência, compreenderia sua solidariedade com as outras frações da classe dominante, ao invés de dividi-las, como o faz, separando-as e fazendo assim o jogo das forças da desordem<sup>28</sup>.

Desse modo, o debate tem como aposta comum implícita ou explicitamente (implicitamente para os pró-Dreyfus mais idealistas, explicitamente para os anti-Dreyfus mais realistas e cínicos) a relação com a classe dominante. Isso significa, explicitamente para os pró-Dreyfus, implicitamente para os anti-Dreyfus que, em virtude das dimensões e das novas estruturas do campo intelectual, essa relação não é mais evidente. O sentimento de pertencer à elite não é mais evidente para um grande número de intelectuais pois, para alguns, precisa ser reafirmado. Mesmo para os que se consideram parte integrante dessa, é necessário, face aos homens políticos, recuperar um papel ativo e uma nova função política e ideológica que a profissionalização da vida parlamentar e partidária torna mais problemática que antigamente. A criação de ligas dos dois lados tem também seu sentido oculto. Não somente defender os direitos do homem à esquerda e a pátria francesa à direita, mas também promover os direitos dos intelectuais como grupo no debate político e levar a pátria com eles.

Esta análise dessas duas ideologias conduz, assim, a questionar se os intelectuais que se congregam têm características intelectuais diferentes. Adotar o seu novo modo de comportamento depende, como vimos, da situação no campo intelectual. Também a clivagem entre pró-Dreyfus e anti-Dreyfus depende de maneira derivada de sua posição social nesse campo. Como já mostramos em detalhes, o polo de vanguarda do campo literário é totalmente pró-Dreyfus e o polo acadêmico totalmente anti-Dreyfus e o setor intermediário divide-se em dois<sup>29</sup>. Compreende-se essas atitudes em função das solidariedades sociais dos diferentes setores, isto é, em última análise, a análise da sua maneira de se situar em relação à classe dominante. A vanguarda, defensora da literatura pura, só reconhece o julgamento de seus pares e se vê então autônoma. A posição acadêmica, ao contrário, se considera como elite solidária (é da Academia Francesa que parte o movimento de organização anti-Dreyfus) com as outras elites (o que a composição não puramente intelectual da Academia registra). Na Universidade, a oposição entre pró-Dreyfus e anti-Dreyfus é hierárquica. Os universitários, os mais antigos e os mais titulados, são anti-Dreyfus enquanto que os mais jovens e os menos titulados são pró-Dreyfus. Trata-se portanto de uma clivagem de geração (os pró-Dreyfus literários são mais jovens, em média de 6 a 7 anos, que seus adversários, por exemplo) mas

---

<sup>28</sup> R. Doumic. *Op.cit.* p. 12.

<sup>29</sup> C. Charle, *loc.cit.* p. 243.

também de formação. Os pró-Dreyfus são contemporâneos da reforma universitária e adotaram então o novo ideal universitário diferentemente dos anti-Dreyfus, mais velhos, e, portanto, mais fiéis ao antigo modelo universitário. A mesma oposição é encontrada a nível das disciplinas: as menos úteis – portanto as mais "intelectuais" – são mais pró-Dreyfus (letras e ciências contra medicina e direito), as mais recentes bem mais que as mais antigas<sup>30</sup>. A relação estabelecida com o grande público tem, para os universitários, as mesmas conseqüências que no campo literário. Os universitários cujas obras têm uma audiência maior que os outros se abstêm de engajar-se ou engajam-se mais à direita por solidariedade política ou acadêmica: assim Lavissee é muito hesitante, Berthelot se abstem, Alfred Rambaud, antigo ministro é anti-Dreyfus. Inversamente, os mais marginalizados pela sua disciplina (aqueles das seções IV e V da EPHE), por sua origem religiosa (os judeus e os protestantes são fortemente representados entre os pró-Dreyfus literários), por sua posição no sistema universitário (os colaboradores de *Année sociologique* de Durkheim) são mais pró-Dreyfus.

Todas essas variáveis – válidas em geral para justificar as clivagens sociais entre as duas concepções do intelectual em questão – não são jamais completamente explicativas. O pequeno número de indivíduos implicados obriga a levar em conta variáveis individuais dificilmente generalizáveis. Tal escritor que tem as características gerais de um pró-Dreyfus poderá ser anti-Dreyfus porque começou uma estratégia de carreira aproximada do polo acadêmico: assim, Henri Régner, inicialmente, próximo da vanguarda, casou com a filha de Hérédia e adotou as posições de seu sogro no caso Dreyfus. Inversamente, tal universitário cujo passado político é de direita declara-se pró-Dreyfus; assim, Paul Viollet, de uma família de notáveis legitimistas e católico fervoroso, milita pela revisão em solidariedade com seus colegas da Ecole de Chartes e por escrúpulo de consciência. As exceções são menos numerosas no campo literário porque as opções literárias estão ligadas mais diretamente a uma rede social e literária do que a um efeito constrangedor (salvo se dispor de outros recursos). Ao contrário, na Universidade, os duplos jogos são mais propagados e freqüentemente necessários. A política pode ter conseqüências nefastas para a carreira tendo em vista o sistema de cooptação ao passo que em literatura ela pode ser um trunfo suplementar principalmente se for menos conhecido.

---

<sup>30</sup> C. Charle. Les universitaires et l'affaire Dreyfus, étude citée.

## CONCLUSÃO

Bem mais que uma verdadeira conclusão, propomos aqui algumas hipóteses que esperamos permitirão comparações internacionais. Nosso fio condutor era, ao invés de partir dos intelectuais considerados individualmente, adotar uma abordagem global a fim de delimitar o que chamamos, seguindo P. Bourdieu, o "campo intelectual", isto é, o espaço social e ideológico no interior do qual pensam e se situam os intelectuais. Pareceu-nos que a época do caso Dreyfus foi aquela em que o campo intelectual adquire suas estruturas, senão definitivas ao menos mais completas, o que explica que debates, os mais recentes tenham obedecido, *mutadis mutandes*, aos esquemas homólogos aos do século XIX. Tentamos, em um segundo momento, mostrar que, dessas novas estruturas, decorriam as novas formas de consciência social e política dos intelectuais que permanecem de uma maneira geral as de hoje. Seria uma particularidade francesa ou a França seria um dos primeiros exemplos de uma evolução que é encontrada em toda parte? Pensamos que o campo intelectual na sua versão francesa e a definição do intelectual que dele resulta, ocupa uma situação intermediária entre o dos países anglo-saxões e o dos países Europa Oriental. Estado misto que explica ao mesmo tempo a exemplariedade francesa, visto que os outros países podem encontrar analogias com sua situação e também seu caráter excepcional pois os intelectuais acumulam assim vantagens e inconvenientes dos dois modelos o que leva a uma violência desconhecida no debate que os dividem. Nos países anglo-saxões, parece-nos, que os intelectuais respondem antes de tudo a uma definição profissional, que os isola das outras categorias mas que não lhes confere realmente uma consciência coletiva salvo talvez no campo universitário e mesmo assim. A essas divisões em categorias juntam-se a descentralização da vida intelectual que limita a existência de um verdadeiro campo unificado como na França<sup>31</sup>. O Estado, enfim, não exerce como na França uma tutela da vida intelectual, as interferências são assim muito limitadas entre campo o intelectual e campo de poder. No Leste, encontramos, ao contrário, fermentos de unificação do campo em razão da estrutura social rígida, da centralização do Estado e da pungente questão da ocidentalização, desejada ou não. Mas o número limitado de intelectuais potenciais torna aleatória uma autonomia real em relação as outras elites. A solução encontrada para esse isolamento foi, para os mais radicais, o engajamento

---

<sup>31</sup> Priscilla Clark. Literary culture en France Nd the United States. *American journal of sociology* (v. 84), 5, 1979, p. 1057-77.

na política profissional – legal ou não – ou o exílio para o Oeste<sup>32</sup>. O vocabulário é um bom teste: os intelectuais nos países anglo-saxões são confundidos no sentido das "profissões", isto é, das profissões liberais; na Rússia "inteligência" designa uma elite cultural radical afastada do poder e das massas; na França, ao contrário, o termo intelectual permite todos os equívocos, oscila entre duas significações: uma restritiva como no Leste (detentor de um tipo particular de capital que o isola do resto das outras categorias sociais) mas sem que isso implique em uma conduta política; existem os intelectuais de esquerda mas também de direita e uma categoria mais ampla como no Oeste (não exercendo nem um trabalho manual nem responsabilidades políticas ou administrativas) que pode portanto servir de porta-voz as outras classes ou frações de classe.

Christophe Charle é professor na Université Paris 1. Panthéon – Sorbonne. IHMC.

E-mail: charle@canoe.ens.fr

A tradutora Maria Helena Camara Bastos é Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação/PUCRS; Pesquisadora do CNPQ.

E-mail: mhbastos@puccrs.br

Recebido em: 03/10/2002.

---

<sup>32</sup> Jutta Scherrer. Comunicação no seminário de J. Julliard na EHESS (1980) e M. Confino. On intellectuals Nd the intellectual tradition in 18<sup>th</sup> Nd 19<sup>th</sup> centuries Russia. *Daedalus*, 1972, pp.117-149.